

CEDI - P. I. B.  
DATA 27/7/87  
COD. QMD 18

Proc. FUNAI 3279/27  
09  
Rebrico

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
**FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI**

PROC. N.º 00926/87

FLS. 02

RUBRICA mm

**A P R E S E N T A Ç Ã O**

PROC. N.º 00926/87  
27/7/87  
mm

O presente relatório é resultado de nossa rápida visita aos grupos indígenas do alto rio Purus e alto rio Iaco, no Estado do Acre, em cumprimento a determinação da Presidência desta Fundação, com o fim de levantamento de áreas indígenas nas bacias dos dois referidos rios.

Visitamos com este propósito todas as comunidades indígenas das quais tivemos notícias naquela área, sendo quatro no rio Purus e as populações Jaminaua e Machineri dispersas nas margens do alto rio Iaco.

Nosso tempo de permanência entre os grupos foi o seguinte:

- 1. Kaxinaua das proximidades de Santa Rosa - três dias
- 2. Kaxinaua de Fronteira ..... - um dia
- 3. Kulina do Maronaua ..... - três dias
- 4. Kulina de Santo Amaro ..... - três dias
- 5. Jaminaua e Machineri do rio Iaco ..... - cinco dias

Os componentes designados por Portaria compreendiam dois servidores da FUNAI e dois do INCRA. Como o INCRA não pode dispor de um topógrafo e o Chefe da Ajudância do Acre não foi designado para levantamento de dados no campo, nossa equipe ficou reduzida a um antropólogo pela FUNAI e um engenheiro pelo INCRA. Posteriormente, decidiu-se que o recém nomeado Chefe do PI Alto Purus nos acompanharia na área do Purus e o Chefe do PI Mamoadate na área do Iaco.

Por serem as bacias dos dois rios distantes uma da outra, não haver informação ou suspeita de grupos indígenas entre ambas e por dificuldade de comunicação, dividimos nossa ação

03  
3279/11  
- 02 - 03  
B

em duas etapas. Na primeira, levantamos o rio Purus, iniciando pela divisa do Brasil com o Peru, descendo até o povoado de Manoel Urbano. Na segunda, levantamos o rio Iaco, iniciando pelo Seringal Petrópolis, de onde subimos o rio até acima do local Extremo e descendo até o Seringal Amapá, onde terminamos nossas atividades de campo.

Esclarecemos que, deixamos de descer o rio Iaco até sua foz, por não haver notícias de indígenas na referida área que é muito bem conhecida por todos os moradores acima do Seringal Amapá, pelos Missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, pelos indígenas e pelo técnico da FUNAI que atua no alto rio Iaco.

Queremos deixar de público, nossos agradecimentos ao técnico do INCRA que não poupou esforços na execução das atividades que lhe foram atribuídas.

ASPECTOS FÍSICOS

Em uma rápida visão, podemos dizer que as bacias dos altos rios Iaco e Purus, apresentam uma certa homogeneidade física e ecológica.

O relevo apresenta grandes irregularidades, mas com pequenas elevações as quais vistas do ar e sob a floresta parece inexistentes.

A vegetação alta, densa e emaranhada, é uma constante, havendo grandes tabocais nas margens dos infinitos cursos d'água e igapos (áreas alagadiças nas proximidades dos rios, entre pequenas elevações).

As variadíssimas espécies de animais, aves, répteis e insetos não nos pareceram distintas, sendo sua maior ou menor presença em alguns locais, função da atividade dos habitantes ou exploradores que as ocupam.

Ao que podemos notar, a fertilidade do solo é

3279/11  
- 80  
82  
0092618  
05  
Cms

JAMINAUA E MACHINERI DO ALTO RIO IACO

1. Localização, vias de acesso e centros urbanos mais próximos:

Os índios Jaminaua e Machineri ou Manateneri estão residindo em diversos locais às margens e cabeceiras dos rios Iaco e Acre, no ex-Município de Sena Madureira, Estado do Acre. Indicamos ex-Município de Sena Madureira por ter havido recentemente, uma re-divisão do Estado do Acre no que se refere a área pertencente aos municípios, uma vez que novos foram criados e o atual Município que engloba a área do Alto rio Iaco, com sede no povoado de Assis Brasil, além de pouco conhecido não conta com indicação perfeita de sua área. Os diversos locais acima referidos são:

Rio Iaco

- 1) acima do seringal Petrópolis;
- 2) nas proximidades da sede do dito seringal;
- 3) nas proximidades da Fazenda Brasil;
- 4) nas proximidades do seringal Icuriã, que é parte do seringal Guanabara;
- 5) acima da sede do seringal Amapá e
- 6) diversas casas esparsas em colocações de seringa no interior.

Rio Acre

- 1) pequena aldeia abaixo do povoado de Assis Brasil, no lado brasileiro, recém fundada.
- 2) duas aldeias acima de Assis Brasil, no lado Peruano.

Vias de acesso para os do Iaco são:

- 1) Para os das proximidades do seringal Petrópolis:

FLS. 26  
RUBRICA 1111 - 81 -  
FLS.  
RUBRICA 1111

3579/11  
83  
4

- a) aviões até a sede do seringal, posteriormente bar barco,
  - b) barcos motorizados partindo de Sena Madureira.
- 2) Para seringal Amapá
- a) aviões até sede do seringal, posteriormente barco
  - b) barco partindo de Sena Madureira.

Para demais, barcos a partir de um dos seringais acima mencionados e caminhadas por varadores até as colocações de seringal. Para os habitantes do rio Acre avião até Assis Brasil e barco daí até as aldeias.

O centro urbano mais próximo é a cidade de Sena Madureira, a uma distância aproximada de 5 dias, rio abaixo, usando barco com motor de rabeta, (o rio não comporta motor de popa).

O Posto Indígena da FUNAI, nas proximidades do igarapé Extrema, para ser alcançado deve-se ir de avião até o seringal Petrópolis, no que se gasta aproximadamente 60 min., partindo de Rio Branco. Daí por barco leve com motor de rabeta pequeno, rio acima, gasta-se aproximadamente 11 horas.

A pista de pouso do PI está em fase final de abertura, estando até julho deste ano em condições de operação e poderá ser alcançada, partindo de Rio Branco, em aproximadamente 1:20 horas.

2. Histórico

As primeiras notícias registradas que conseguimos sobre a ocupação indígena do alto rio Iaco, datam de meados e do final do século XIX. Os locais indicados como sendo ocupados por populações indígenas são citados como pertencendo ao seringal Guanabara, hoje dividido em diversos outros seringais, a exemplo de: seringal Petrópolis, Icuriã, Fazenda Brasil, etc., seringal Glinda e no rio Macaúã.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. Nº 00920/77  
FLS. 07  
SERV. 2) 11/11  
PROC. Nº 0426/81  
FUNAI  
SERV. 1) 11/11

82.-  
821  
H/11/11

Estes grupos eram: Catiana, Canamari, Inhamaré, Capi-xi, Manitenori e outros (1 e 2).

No final do século XIX, diversos grupos indígenas ain-da ocupavam todo o alto rio Iaco e prestaram ajuda aos primeiros co-lonizadores, antes de serem por estes batidos das locais em ocupa-ção para outros mais distantes, rio acima ou para o interior.

"Avelino de Medeiros Cavas foi auxiliado pelos Catia-nas, Canamaris e outras tribos na exploração dos seus vastos serin-gais no alto Iaco, mas, à proporção que os serviços se iam alargan-do, chegaram novos colonos e entre estes alguns maus elementos que provocaram o desaparecimento dos indígenas" (3).

Esta forçada desocupação de uma área pelos índios e ocupação de outras áreas mais afastadas, foi uma constante para to-dos os grupos indígenas do atual Estado do Acre, incluindo portanto o rio Iaco, implicando em extermínio completo de diversos deles já nas primeiras décadas do atual século. Entre outros fatos de igual ou até maior horripilância, preferimos o que citaremos a se-guir.

"... desavenças entre as duas raças, resultou, em alguns lugares, verdadeiras caçadas contra os índios, como aconte-cou no alto Iaco, no princípio deste século, em que, sob a chefia de João Alves Vieira, dono do seringal Ulinda, foi organizada uma batida contra os Catianas, deixando espalhadas nas margens do rio, dezenas de cadáveres, salvando-se algumas mulheres que se refugiaram em outro seringal, no que se dedicaram com proveito à cultura agrí-cola" (4). De todos os grupos Catiana, Harold Schultz e Vilma Chia-ra encontraram apenas uma sobrevivente naquela área e ao que supo-mos a única dentro de todo o Estado do Acre. "No seringal Natal, perto de oitenta Km. acima da foz do rio Iaco encontramos talvez a única sobrevivente da tribo Catiana, uma mulher velha, casada há

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

muitos anos com um certanejo" (5).

É de se ressaltar que o atual seringal Ulinda não conta atualmente com nenhum indígena, segundo fomos informados por regionais e pelos indígenas das cabeceiras do Iaco.

Des grupos citados por Castelo Branco J. N. Brandão, apenas dois existem atualmente ocupando as cabeceiras do rio Iaco, que são os Jaminaua e os Maniteneri. Do Jaminaua são grupo Pano e os Maniteneri ou Machineri do grupo Aruak.

Em todas as bibliografias consultadas, sempre há referências a outros grupos indígenas não conhecidos no divisor de águas dos rios Iaco, Acre, Chandless e o Thcuamano.

Mais recentemente, pululam notícias sobre um grupo aradio possivelmente aparentado dos Machineri, habitando as cabeceiras do rio Iaco, mais especificamente, acima do igarapé Abismo.

Em nossas conversas com os Machineri, estes nos informaram que a cerca de quatro anos atrás, dois índios do grupo Machineri ainda vivos atualmente, mataram dois homens e uma mulher indígenas no referido local, por serem bravos e por temer que avisassem aos outros e viessem atacar espaçadamente, os Machineri e Jaminaua.

O Sr. Meirelles, chefe do PI Ramoadate, juntamente com um índio, em inspeção na margem do rio Iaco, acima do igarapé Abismo, no verão de 1976, encontrou pedaços, pontas de flechas e um tapiri erguido recentemente.

As pontas e pedaços de flechas foram feitos com material abundante na área e claramente sem o uso de instrumentos de ferro. Este material encontra-se na sede da Ajudância do Acre, bem como uma foto do referido tapiri. Este último foi construído com folhas de coqueiro enterradas em círculo na areia e amarradas nas pontas, com cipó, mostrando também o não uso de ferro em sua confecção.

Todos os regionais acreditam na existência de índios aradios na área e o referido funcionário da FUNAI pretende continuar

00126181  
FLS. 09  
01/02/81  
FLS. 15  
RUBRICA

3219/H  
8/6/7

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 84 -

neste verão, se possível, a explorar a área.

A história recente dos Jaminaua nos pareceu bastante complicada e nos poucos dias que entre parte deles permanecemos, não nos foi possível ter uma visão completa da situação.

Sabemos que os Jaminaua sempre viveram em diversas aldeias e que os residentes nas margens do rio Iaco e parte dos residentes no rio Acre, moraram durante décadas do atual século, nas beiras do rio Iaco, nas proximidades de Igarapé Extrema e que por distâncias internas e necessidade de conseguirem diversos produtos de fabricação nacional deslocaram-se em épocas diferentes, para diversas áreas, no próprio rio Iaco e Acre, bem como para o rio Chandless onde permaneceram alguns anos, retornando posteriormente para o rio Iaco.

Os Machineri ao contrário, são citados sempre nas margens do Iaco e não sabemos de deslocamentos realizados no grupo, se é que houveram.

3. Composição familiar

Não nos foi possível, fazer um levantamento de toda a população Jaminaua e Machineri, como havíamos programado e realizado nas outras áreas visitadas pelos seguintes motivos:

- 1) grande dispersão da população em várias aldeias distantes, bem como casas dispersas em algumas colocações de seringas no interior, o que implica em um tempo mínimo de 20 dias para percorrê-las, tempo que não dispusemos;
- 2) diversas famílias encontram-se em mudança para o local onde se está construindo o PI. Mamoadate;
- 3) algumas famílias estavam visitando seus parentes na margem direita do rio Acre, em território Peruano, onde não poderíamos atuar a menos que obtivessemos

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

00926/21  
FLS. 10  
RUBRICA 01001 - 05  
00926/21  
01001

8  
3279/74  
87  
B

sem autorização do governo peruano.

Assim, limitamo-nos a levantar o número de pessoas por casa, sem saber o relacionamento entre seus membros, sexo e idade de cada um, utilizando-nos para tal, de um relatório do chefe do Posto Indígena e de informações de alguns indígenas.

Relação da população Jaminawa e Machineri, no Iaco

1. Jaminawa

<u>Casa</u>	<u>Chefe da casa</u>	<u>nº de pessoas</u>
01.	Lanuko	02
02.	Mapai açuca	02
03.	Joana	03
04.	Lampião	03
05.	Clavo	09
06.	Chico Lorival	05
07.	Paulino	04
08.	Genaro	04
09.	Clementino	04
10.	Napoleão	02
11.	Zé Maria	06
12.	Adão	08
13.	Francisco	06
14.	Lecar	06
15.	Martin	05
16.	Carlos	08
17.	Tigrite	03
18.	Manoel Batista	05
19.	Peraiba	04
20.	Zé Piqueno	04
21.	Zé Correia	02

Obs: Martin é Kaxianua casado com Jaminawa.



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

32.79/77  
- 86 -  
17  
19

32.79/77  
88  
9

22.	Machico	06
23.	Chico Leite	04
24.	Saraiva	03
25.	Mario Caboclo	05
26.	Pé de gaúcho (Francisco)	03
27.	Chico Raimundo	05
28.	Zé Antonio	04
29.	Luiz Bravo	05
30.	Pei Tiatira	05
31.	Alcides	01
32.	Antonio Lourival	01
33.	Moram no Barracão	02
34.	Zé Marreta	04
35.	Antonio Batista	06
36.	Valdemar	10
37.	José	06
38.	Manoel	02
39.	Orlando	03
40.	Antonio Pequeno	04
	T O T A L .....	174

41. Machineri

<u>Casa</u>	<u>Chefe da casa</u>	<u>nº de pessoas</u>
41.	Jerônimo	10
42.	Zé Orias	06
43.	Samarrã	09
44.	Valdemiro	01
45.	Antonio Alves	05
46.	Manoel	03
47.	Zé Salomão	06
48.	Valdemar	04
49.	Cascudo	06

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3279/41  
89  
10

- 02 -  
PROJ. Nº 11  
11  
11

PROC. Nº 00926/81

50.	Ademar	05	
51.	Lauro	07	
52.	Manoel	03	
53.	Zé Caccudo	03	
54.	Martin	03	
55.	João	03	
56.	Delô	03	
57.	Antonio Salomão	05	
58.	Sebastião	04	
59.	Zé Artur	10	
60.	Herco	07	
61.	Celestin	07	
	No local Pari	39	passos em 12
	T O T A L .....	202	casas diversas

População no rio Acre:

Lado Brasileiro	20	aproximadamente
Lado Peruano	150	"

Temos assim, uma população aproximada de 396 indígenas já em contato com a sociedade nacional que ocuparão por certo a área elcita, mais 150 outras que embora residindo em território peruano manifestaram o desejo de mudarem-se para a referida área.

Queremos esclarecer entretanto, que os já habitantes da área bem como os demais, só permanecerão ou mudarão para a área se houver uma razoável assistência por parte da FUNAI. Quanto a esta assistência vide tópico referente a medidas de ação.

Além destes, acreditamos que os índios arredios que utilizam as cabeceiras do rio Iaco, acima do igarapé Abismo, deve atingir a cerca de 40 pessoas, segundo cálculo do Chefe do Posto Indígena, José C. Neirelles.

#### 4. Atividades Econômicas

As populações Jaminaua e Machineri do Alto Iaco vivem a muitos anos, servindo como mão-de-obra barata, eficiente e pronta aos seringais que estabeleceram em suas terras. Isto porque, são conhecedores dos fascinantes produtos de fabricação nacional, deles já dependentes em muitos casos, sendo necessário prestar serviços aos patrões para adquirí-los.

O domínio pelos seringalistas de tais produtos, a ganância e desonestidade de vários deles, levam a extremos como o verificado no seringal Petrópolis onde o encarregado paga trinta cruzeiros por dia de trabalho e vende um quilograma de açúcar por até dezessete cruzeiros.

Esta situação é conscientizada pelos índios mas, onde quer que vá enfrentar quase que as mesmas condições.

As consequências de tais explorações é sobejamente prejudicial às outras atividades do grupo, tornando-os pouco agricultores, embora sejam hábeis nesta atividade.

##### a) Agricultura

Como já vimos no parágrafo anterior, a agricultura entre dois grupos é restringida pela necessidade de dedicar grande parte do tempo nas prestações de serviços aos seringais.

Cultivam entretanto, em pequena escala, não suficiente ao consumo, banana, mandioca, milho, arroz, amendoim, batata-doce, cará, feijão de praia, tabaco. Destes, os mais representativos são a banana, a mandioca e o milho.

A agricultura de coivara é a praticada, sendo aproveitado um mesmo terreno para até dois ou três plantios, dependendo da cultura praticada. Assim, se plantam arroz e milho em um ano. No ano seguinte se pode plantar tabaco, cará, batata-doce ou banana em consorciação ou separado.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

As concrciações mais comuns são:

- 1) banana, milho e mandioca;
- 2) milho e mandioca;
- 3) arroz e banana;
- 4) cana e mamão;
- 5) mandioca e mamão.

As roças são individuais e familiares, sendo a atividade de derrubada exclusivamente masculina e as demais, plantio, limpeza e colheita, atividade mista, tomando parte delas, homens, mulheres e crianças.

Os locais escolhidos para estas roças obedecem entre outros, as seguintes condições:

- a) local não muito distante da aldeia ou casa;
- b) terreno relativamente plano;
- c) fontes de água nas proximidades;
- d) relativa inexistência de pragas (formigas e ratos);
- e) boa qualidade de terra.

No corrente ano, além das espécies "tradicionais", as atividades agrícolas, tiveram um novo problema. Diversas famílias, que foram fora da área eleita estão completando sua mudança. É no dia que subimos o rio, encontramos cinco canoas transportando mantimentos para as casas já construídas nas proximidades do Posto Indígena. Ainda contam com algumas roças plantadas e estavam providenciando os locais para novas derrubadas.

b) Caça e Pesca

Destas duas atividades retiram toda a proteína consumida e representam parte fundamental da dieta alimentar destes dois grupos. Acreditamos mesmo que dependem mais de caça e pesca do que dos diversos produtos cultivados. Nos pareceu até que um dos fato-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROJ. Nº 526/21

00.000.000 - 90 -

3279/4  
92  
10  
3

res que estão motivando a mudança é a abundância de caça e pesca nas proximidades da área para onde estão se instalando.

A carne de peixe ou caça são associados aos dois produtos agrícolas básicos a mandioca e a banana, formando diversos dos pratos mais apreciados.

Ambos os grupos são exímios caçadores e pescadores, deslocando distâncias incríveis e fim de obterem tais produtos, chegando a permanecerem por oito dias fora de casa, a procura de locais onde abundem caça e pesca. Durante estas longas caçadas moqueiam tanto a caça quanto a pesca, técnica que lhes permitem acumular um bom estoque de carne para consumo durante diversos dias.

Na caça utilizam como armas básicas, a espingarda e o arpão e como esporádicas, arco e flecha e os terçados. Na pesca a tarrafa é a preferida, utilizando-se também o anzol, o arpão e o tinguí.

O mais comum é saírem em dupla para as caçadas ou pescarias mais distantes ou demoradas. Quando estas são próximas da aldeia é comum ir somente uma pessoa.

A caça é uma atividade eminentemente masculina, cabendo sempre aos homens o cuidado e transporte das armas.

Os animais e aves mais preferidos e caçados são: Anta, veado, porquinho, caititu, quixada, paca, tatu, macacos diversos, quati, jacaré, cotia, quatiçuru, jacamim, mutum, jaó, inhambu, cujubim, arara, patos e alguns pequenos gaviões. Os Machineri não apreciam muito o jacaré; sendo este mais apreciado pelos Jaminawa.

Os peixes mais comumente pescados e encontrados nos rios Iaco; riozinho e nos diversos igarapés e lagos da área eleita são: curimatã, budi, piauí, pacu, jundiá, surubim, branquinha, mandi, filhote, dourado e barbado. O tracejá e a arraia são também pescados e consumidos.

A carne de caça ou peixe são muitas vezes vendidos ao barracão do seringal, sendo os baixos preços estipulados pelo en carregado do barracão que fornece outros produtos como pagamento.

Não nos foi possível entretanto, avaliar o montante caçado ou pescado nem o quanto em mercaderia conseguido com estas atividades.

c) Colheita

Os produtos colhidos são complemento alimentar e abrangem uma variedade de produtos. É uma atividade sobretudo feminina quando se trata de áreas próximas às residências e masculina quando em áreas distantes e coincidentes com a rota ou locais preferidos para a caça ou pesca.

O cacau é dos principais, aproveitando-se dele a pulpa da semente e a própria semente que após seca, socada e fervida com água e açúcar é muito apreciado.

Outros produtos são: inhá, diversos palmitos, vários cocos, açai, bacaba e pupunha.

A extração do caucho não tem sido muito intensa, mas no momento estão interessadas e dando maior atenção a este produto, o qual tem um preço médio de CR\$ 0,50 (cinco cruzeiros) o kg. É bastante encontrada na área eleita e há um projeto da Fimil para seu aproveitamento.

A seringa é extraída para venda diretamente ao barracão, sendo encontrada em apenas uma parte da área eleita.

Estes dois grupos indígenas são exímios caucheiros e seringueiros.

5. Aspectos Sociais e Culturais

Os Jaminawa (Jami-Machado, Naua-Povo) são do grupo Pano e os Machineri ou Maniteneri são do grupo Aruak.

Diferentes culturalmente, mas pressionados pelas ad

FLS. 22  
RUBRICA

3279/11  
- 92 - 94  
B

versidades em diversos locais, conseguiram um modo de viver em que mantem um relacionamento de conflito intra-tribal latente de tal modo que só ocasionalmente explode entre indivíduos ou famílias dos dois grupos.

Procuram sempre evitar atividades conjuntas, não interferência na cultura um do outro, senão em casos esporádicos. Sempre que surgem brigas intra-tribal e/ou inter-tribal, os implicados estão embriagados.

Os Jaminua ainda continuam a pintar os dentes com uma tintura negra e a usar colar no septo nasal e a orgulharem-se de tais usos.

O feitiço (coxoitê) é o principal motivo para as acusações de parte a parte, causando em algumas casas a obrigatoriedade de viverem os familiares dos feiticeiros (cuxuitiá) em áreas separadas, formando pequenos aldeamentos. É voz corrente que se residirem muito próximos haverá brigas e mortes entre tais famílias.

Os feiticeiros apontados pelos Jaminua são: Martin, Carlos, Alcides e Joanna.

Fato que chamou muito a nossa atenção foi a pouca idade com que casam as mulheres e a instabilidade dos primeiros casamentos entre os Jaminua.

Todas as meninas casam-se quando atingem os 10 a 11 anos. Este casamento é sempre arranjado pelas mães da pretendente que convidam o pretendido pela filha e explica-lhe que sua filha gosta dele e que o mesmo fica autorizado a morar em sua casa e coabitare com sua filha. O pretendente passa a morar na casa da mulher e a trabalhar para ajudar no sustento da casa.

Caso a mulher arranje outro pretendente, passa a manter relações sexuais com ele até que o fato se torne público e o marido deixa a casa e volta para a sua própria casa. Não sabemos de atritos mais sérios entre casais por este motivo.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROJ. Nº 1000/77

RES. Nº 241 - 93

3279/H  
95  
B

00926/20

15/11/77

Segundo nos informaram, quase toda mulher mantém relação sexual ou chega a morar junto com mais de dois ou três homens, até escolher seu marido definitivo.

Até que a filha aprenda a cuidar cozinha de uma casa é comum sua mãe preparar os alimentos do casal.

As queoubemos, uma criança tem tantos pais quantos foram os homens que mantiveram relação sexual com sua mãe, até seu nascimento. Como ser pai implica em uma série de obrigações sociais, e segundo nos informaram é comum os homens fazerem chantagem com as mulheres, explicando-lhes que se ela disser que são pais da criança, não mais manterão relações sexuais com ela.

Grande parte dos padrões sociais, políticos e religiosos destes dois grupos foram esquecidos. Nenhum deles conta com os tradicionais chefes políticos.

A posse pelos seringalistas, dos bens nacionais, hoje imprescindíveis aos índios, bem como de parte dos meios para adquirí-los, tem levado a uma submissão quase completa da população Jaminaua e Machineri àqueles seringalistas.

Esta submissão está bem pontuada em um relatório do Chefe de PI. Mandato, José C. R. Heirelles Jr., datado de 22/09/76 "ficam obrigados a aceitar as "ordens" dos donos do seringal, sob pena de não mais poderem comprar no Barracão.

São jogados de encontro à FUNAI, aos Missionários ou a quaisquer pessoas que tente lhes mostrar a realidade.

Há casos de índias, principalmente Jaminaua, de serem levadas a se prostituir a troco de quinquilharias. O próprio Sr. Antonio Canizio (um dos donos do seringal Petrópolis) me confessou, em entendimento verbal que tivemos, manter relações sexuais com índias, fato este que vem criando uma desestruturação do sistema familiar Jaminaua, que se vêm humilhando vendo suas mulheres se prostituindo e se calando, obrigados pela dependência que tem com o serin



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3279/H 25  
96  
B  
PROC. N.º 00926/87  
FLS. 19  
RUBRICA 71261

gal".

Obs.: Esclarecemos que em função deste relatório a Aju-  
dância do Acre, abriu inquérito policial, estando este parado por ha-  
ver a autoridade judicial de Rio Branco dado um tiro no ouvido e não  
ter sido nomeado seu substituto.

As casas destes dois grupos, estão sempre situadas às  
margens do rio Iaco e nos pequenos aglomerados não conseguimos obser-  
var nenhuma ordem aparente. São pequenas e em estilo palafita.

Os materiais utilizados para sua construção são: paxiú-  
ba, arelinho, enviroiro, folha de jarina e cipó ou pregos. A pa-  
xiúba é utilizada no telhado e nas laterais de partes das casas, fa-  
zendo um pequeno quarto onde se dorme nos dias de frio.

É de se esclarecer que não há aproveitamento das su-  
bras madeiras existentes para comercialização, senão ocasionalmente  
quando fazem canoa de itauba e jacarandá, para a venda.

6. Situação Médica Sanitária

Nó o momento a FUNAI não tem sido uma ação contínua e  
efetiva no área. Limita-se a visitas esporádicas pela EMO da BR.  
No mês de abril próximo passado, a FUNAI em convênio com a Divisão  
Regional de Tuberculose vacinou a população contra T e Sarampo.  
A EMO, fez parcialmente as seguintes vacinas: tríplice, antivaricélica,  
paralísia infantil e tétano.

Atualmente vem dando assistência contínua a esta população com  
os membros da Missão Novas Tribos do Brasil. Estes são no momento os  
seguintes:

<u>Nome</u>	<u>Nacionalidade</u>	<u>Especializ.</u>	<u>Função</u>	<u>Autorização</u>
Stephens Leroy Smith	brasileiro	linguista	ling.	Todos c/ auto- rizações ven- cidas em 1976.
Rebeca Carol Smith	americana	"	missm.	
Dimas Batista Pereira	brasileiro	missionário	enfem. e	
Iraci H. B. Batista	brasileira	"	prof. profa.	

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3999/4  
97  
b

Estes missionários contam com a seguinte infra-estrutura:

Imóveis

- a) três casas residenciais em estilo regional em bom estado de conservação.
- b) uma pequena casa para depósito.
- c) um anexo à casa residencial, destinado a escola e enfermaria.

Utensílios e equipamentos

- a) um aparelho de fonia, marca Bayke Indian em bom estado de conservação.
- b) dois barcos motorizados com motor de rabeta, em bom estado de conservação.
- c) um grupo gerador destinado a fornecer energia para a fonia.
- d) auxílio da "Mesa do Socorro" com pequenas aeronaves.

O medicamento aplicado nos atendimentos diários são conseguidos nas seguintes fontes: CEI E (FUNAI), Amostras Grátis e compras. Os últimos são vendidos aos pacientes por preços razoáveis, utilizando-se das trocas por alimentos, artesanato ou mesmo trabalhos.

As doenças mais comuns são: gripe, resfriados, verminoses, dor de ouvido e dentes, avitaminose e escabiose. Os medicamentos mais usados são: antigripal, antitérmico, analgésico, vitaminas, antibióticos (eritromicina), antiemético, vermífugos contra ameba, ancilóstomo, ascaris e oxiuros, expectorantes, soro antiofídico, anti-tetânico, glicósado e medicamentos contra dor-dolho.

Os missionários usam cestos para lixo, privadas, filtram a água e procuram dar algumas noções básicas de higiene.

3279/77  
918  
B

PROC. N.º 25921/101

FLS. 21

PERIÓDICA 0000

Tantos os exemplos como os ensinamentos quase nunca são seguidos pelos indígenas. As fontes de água são os igarapés e o rio Iaco, sendo esta água guardada em latas, caldeirões e potes, não recebendo nenhum tratamento. O destino dos dejetos e lixo é o ar livre.

O serviço assistencial mais próximo é Sena Madureira, mas Rio Branco é mais fácil de ser alcançado.

O estado nutritivo da população é razoável, não inspirando grandes cuidados.

Dimas e Iraci falam a língua Domincua e nos pareceu serem queridos pelos mesmos. Os informantes dos linguistas reclamam pelo baixo pagamento.

7. Situação Educacional

Como já vimos anteriormente, a escola conta com um Anexo de uma residência, equipada com um rodão negro e 3 bancos grandes, 4 simples e uma mesa. Este local, a escola, é usado em dois turnos, sendo um matutino e um noturno.

O primeiro é dedicado às crianças e o segundo aos adultos. A iluminação para o turno noturno é feita através de lampiões a querosene, e os alunos nada pagam pelo ensino ou pelo material empregado.

O material, cartilha, livros e lápis são fornecidos pela Prefeitura de Sena Madureira, não sendo suficientes.

Não há merenda escolar, calendário escolar, bem como o currículo são os aplicados em todo o território nacional.

O número de alunos matriculados nos dois turnos é de 25, sendo 14 masculino e 11 feminino, destes, 14 estão no Pré, 7 na primeira e 4 na segunda série. A evasão escolar é de aproximadamente 10%, havendo grande irregularidade na frequência às au-

3279/H  
99  
B  
1972  
Rubric

... e falta de interesse por parte de aproximadamente 40% dos alunos.

Cada grupo fala sua língua original, alguns falam as duas línguas indígenas e todos os homens falam o português. Das mulheres, seguramente 40% falam o português e cerca de 20% das crianças também o falam.

É de se ressaltar que as crianças Jaminawa e Machineri frequentam as aulas sem haver atritos e que a dispersão dos grupos e a falta de motivação levaram a tão restrito número de alunos.

3. Definição da Área Indígena

A definição da área para os grupos Jaminawa e Machineri do alto rio Iaco, bem como a maneira de se garantir o isolamento do grupo arredio que ocupa as cabeceiras do Iaco, acima do igarapé Abieno, até que sejam contactados de modo adequado, tem sido objeto de preocupação e estudos do Chefe de PI. Remedate, José Carlos Meirelles Junior e do Chefe de Ajudância de Rio Branco, Sr. José Porfírio F. de Carvalho.

A área apresentada no mapa anexo, como reserva indígena no alto rio Iaco é, em quase sua totalidade, um resultado das conclusões a que chegaram estes dois servidores da FUNAI, às quais quisemos integralmente.

Tentaremos sintetizar e seguir, os motivos que levaram-nos a eleição da área indicada, 320.000 hectares, além do já implícito nos assuntos abordados:

- a) Existência de dois grupos cultural e linguisticamente diversos e a existência de outro ainda arredio;
- b) A necessidade de garantir espaço suficiente para a devida separação física entre os dois grupos Jaminawa e Machineri em situação de conflito latente e o arredio, bem como entre as diversas facções dos primeiros;

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3279/17  
98  
RUBRICA

PROG. 00420

FLS. 23

RUBRICA 21/11

- c) Quebrar a dependência direta dos Jaminawa e Machineri aos seringalistas que se exploram desavergonhadamente;
- d) Garantir território de caça, pesca e coleta para toda a população, no momento e em futuro próximo;
- e) Garantir-lhes efetivamente o direito à posse da área utilizada nas suas atividades econômicas sem a concorrência de outros;
- f) Permitir condições de atuação efetiva da FUNAI e
- g) Atender as reivindicações dos Jaminawa e Machineri.

Queremos explicitar que não há nenhum posseiro ou invasor na área apontada e que o local onde se está construindo o Posto Indígena era caçador, primeiramente dos Jaminawa e posteriormente, do Machineri.

5. Medidas de ação

Grande parte das medidas necessárias à ação da FUNAI na área que apresentaremos a seguir já foram iniciadas pela Ajudância do Acre.

1. Construção de:

- a) casa do Chefe do Posto; - já pronta
- b) " para armazem; - " "
- c) " " escola; - " "
- d) " " depósito; - já pronta
- e) " " enfermaria e farmácia;

- 2. designação urgente de um atendente de enfermagem;
- 3. " de um funcionário para armazem;
- 4. " de um trabalhador braçal;
- 5. " de um piloto para batelão;

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. Nº 00000000000000000000  
115 33 - 99 -  
MUNICÍPIO

3279/17  
106  
P

6. Aquisição de:

- a) barco com capacidade para até 1.000 kg.
- b) batelão com capacidade para até 10.000 kg.

7. estocagem do armazem já construído e já iniciada;

8. conclusão urgente da pista de pouso;

9. elaboração e execução de um projeto de desenvolvimento comunitário. Sugerimos para este último, atuar com cacau, café, cana de açúcar e seringa.

10. Não concessão de certidões negativas por um período de 12 meses, nas cabeceiras do rio Iaco, mais especificamente, nas áreas entre os seringais Nova Glinda e Petrópolis.

Achamos que esta medida é necessária por estar as populações indígenas atualmente radicadas nesta área em processo de mudança para dentro da área eleita, fato que poderá demandar algum tempo.

Obs.: Deixamos de indicar no mapa as áreas de caça, pesca, coleta e agricultura, uma vez que o tornaria ilegível.

3279/41  
102  
- .100 -

PROC. N.º 00926/01

FLS. 25

FUBRICA 1114011

BIBLIOGRAFIA CITADA IACC

1. Chandless, W. Notas sobre o Rio Purus. Separata dos Arquivos da Associação Comercial do Amazonas, Manaus, 9/10: 30-1: 1949.
2. Castelo Branco, J. M. Brandão. O Sentido Aéreo. R. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 207:10, 1950.
3. Idem. pág. 12.
4. Idem. pág. 14.
5. Schultz, Harold e Chiara, Vilma. Informações sobre os índios do Alto Rio Purus. R. do Museu Paulista, Nova Série, São Paulo, 9: 183, 1955.

BIBLIOGRAFIA SOBRE ÍNDIOS DO ACRE

1. ANDRADA, A. M. Bueno de. Relatório sobre o Departamento do Alto Juruá, de 1909. s. l., s.d.
2. AQUINO, Nietta Lindenberg do Monte. "A Cultura Material dos Cas Hinahua". Rio Branco, FUFAC, dez. 1976. 17p.
3. AQUINO, Terri Vale de. Relatório sobre os rios Tarauacá e Muru. Brasília, FUNAI/DGPC/DEP, jun. 1977.
4. AZEVEDO, Gregório Taumaturgo. Relatórios sobre o Departamento do Alto Juruá, relativos aos anos de 1905 e 1906. s.l, s.d.
5. BALEATO, Carta da América do Sul, 1795. s.l. (mapa).
6. BARREIRA, Samuel. Relatório sobre o Departamento do Alto Purus, de 1914. s.l., s.d.
7. BARROS F. de S. Rego. Relatórios sobre o Departamento do Alto Juruá de 1913 e 1914. s.l., s.d.
8. BRAULINO, João de Carvalho. Breve notícia sobre os indígenas que habitavam a fronteira do Brasil, com o Perú, elaborado pelo médico da Comissão Dr. João de Carvalho e calcada em observações pessoais. Separata do Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 7 (3): 225-56, set. 1931.
9. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por Custódio Miguel dos Anjos (residente na bacia do Purus desde 1877), dada do seringal Boca do Macauã, de março, de 1932.



327/11  
104  
27  
00926/121

10. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por Guilherme da Cunha Correa (filho de João da Cunha Corrêa, diretor de Índios e descobridor do Alto Juruá), datada de 9 de agosto de 1923, do Seringal Concórdia, no referido Rio Juruá.
11. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por João Barbosa Marinho (explorador do Alto Purus) datada de 26 de março de 1932.
12. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por Joaquim Camelo (Explorador do Alto Acre), datada de 14 de março de 1937.
13. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por Júlio Pereira Roque (explorador no Rio Tarauacá), datada de 25 de maio de 1937, de Vila Seabra hoje cidade de Tarauacá.
14. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por Miguel de Aguiar Picango (morador no Rio Juruá desde 1871, e um dos seus exploradores), datada de 26 de agosto de 1923, do Seringal Maravilha.
15. CARTA dirigida a J. M. Brandão Castelo Branco por Nentel Maia (fundador do Seringal Empresa, em 1882, onde se instalou a cidade de Rio Branco, capital do Território do Acre), data da de 7 de janeiro de 1937.
16. CARVALHO, Braulino de. Anexo junto ao Relatório do Chefe da Comissão de limites do Brasil com o Peru, de 31 de maio de 1928. s.l., s.d.
17. CARVALHO, José Porfírio de. Breves notícias sobre o índio no Acre, e notícias sobre a FUNAI no Acre. Rio Branco, FUNAI/Ajudância do Acre, abr. 1977. 9p.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FLS. 20

3229/11  
109  
[Signature]

18. CASTELLO BRANCO, José Moreira Brando. Descobrimento das terras da Região Acreana. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1950. 86p.
19. \_\_\_\_\_ . O Gentio Acreano. Separata da R. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 207: 3-78, abr./jun. 1950.
20. \_\_\_\_\_ . O Juruá Federal (Território do Acre). R. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 9: 587-722, 1930. (Tomo especial. Congresso Internacional de História da América).
21. CHANDLESS, William. Exploração dos Rios Purus (1865) e Juruá (1867). s.l., s.d.
22. \_\_\_\_\_ . Notas sobre o Rio Purus. Separata dos Arquivos Manaus, Associação Comercial do Amazonas, Ano 3, 9: 21-9, jun. 1949, 10: 29-40, set. 1949.
23. COUTINHO, J. M. da Silva. Relatório sobre a exploração do rio Purus feita por Manuel Urbano da Encarnação, 1865. s.l., s.d.
24. CRUVINEL, Noraldino Vieira et alii. Relatório sobre o Rio Envira. Brasília, FUNAI/DGPC/DEP, mar. 1977. p.
25. \_\_\_\_\_ . Relatório sobre os Rios Purus e Jaco. Brasília , FUNAI/DGPC/DEP, jun. 1977. p.
26. DOLE, Gertrude et alii. Indians of Brazil in the twentieth Century. Washington , Institute for Cross-Cultural Research, c. 1967. 256p. p.13-16.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROJ. Nº 10000 8  
nº 35  
-4-  
10000 8

3279/77  
106  
B

27. EHRENREICH, Paul. "Divisão e distribuição das tribos do Brasil" (1874). s.l., s.d.
28. ERNST, A. Menschen und Pflanzen in der peruanischen Provinz Loreto (seq. Antonio Raimondi). Globus, Braunschweig, 21: , 1872.
29. FARABEE, William Curtis. Indian tribes of Eastern Peru. Cambridge, Massachupetts, 1922. 194p. (Papers of the Peabody Museum of American Archacology and Ethnology, Harvard University, 10).
30. FRITZ, Samuel. "El Gran Rio Marañon de 1691, 1707 e 1717" s.l., s.d.
31. FRODIN; Otto & NORDENSKIÖLD, Erland. Exploration chez les indiens Campas. Meddelanden fran Geografisk Foreninge i Göteborg, Göteborg, 3: , 1924.
32. HASSEL, J. N. von. "Varaderos del Purus, Yurua y Manu" (1902). Buletin de la Sociedad Geografica de Lima, Lima, 15: , s.d.
33. LABRE, Antonio Rodrigues. Rio Purus. Notícia. Maranhão, Typ. do Paiz/Imp. M.F.V. Pires, 1872. 50p.
34. LINHARES, Máximo. "Os índios do Território do Acre". Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, de 12/01/1913.
35. MARIANO, Cândido J. Relatórios sobre o Departamento do Alto-Purus, de 1906 e 1908. s.l., s.d.
36. MASO, J. Alberto. Relatório do Ministro da Agricultura, referente a 1910. s.l., s.d.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROCC. N.º 090926/77

FLS. 30

SUPLENÇA 2007

PROCC. N.º 090926/77  
36 -  
15+

327747  
107  
D

37. MELATTI, Delvair Montagner. Relatório sobre os Rios Moa e Juruá. Brasília, FUNAI/DGPC/DEP, jun. 1977. p.
38. MELATTI, Júlio Cezar. Índios do Brasil. Brasília, Coordenada - Editora de Brasília, 1970. 208p.
39. MENDONÇA, Belarmínio de. Relatório da Comissão Mista Brasileiro Peruana de reconhecimento ao rio Juruá (1904-1906). s.l., s.d.
40. NORONHA, C. Frederico de. Relatório sobre o Departamento do Alto Juruá, de 1910. s.l., s.d.
41. OLIVEIRA, J. Nunes de. Relatório sobre os terrenos entre o Juruá e Tarauacá, 1907. s.l., s.d.
42. OLMEDILLA. Carta da América do Sul, 1775. s.l. (Mapa).
43. OPPENHEIM, Victor. Notas ethnographicas sobre os indígenas do Alto Juruá (Acre) e Valle do Ucayali (Peru). Separta dos Anais da Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 8(2):145-55, jun. 1930.
44. PALHETA, F. de Melo. Relatório sobre o rio Madeira, 1723. s.l., s.d.
45. REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringa e o seringueiro. Rio de Janeiro, M.A./Serviço de Informação Agrícola, 1953. 149p. (Documentário da Vida Rural, 5).
46. RELATÓRIO apresentado à Assembléia Geral Legislativa na terceira sessão da Décima Segunda Legislatura pelo Ministro e Secretário de Estudos dos Negócios D'Agricultura Commercio e Obras Públicas Josuino Marcondes de Oliveira e Sá. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1865. 164p. p.51-80.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

327917  
108  
D

31

47. RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização; A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. 495p.
48. RIVET, Paul & TASTEVIN, C. Carte Linguistique des Bassins du Purus et du Juruá, 1921. s.l., (Mapa)
49. \_\_\_\_\_ . Les langues du Purús, du Juruá et des régions limitrophes. Anthropos, Wien, 14-15: 857-90, 1919-1920, 16-17: 298-325; 18-19: 819-28, 1921-1922, 18-19: 104-13, 1923-1924.
50. \_\_\_\_\_ . Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Juruá et des régions limitrophes. La Géographie, Paris, Société de Géographie, 35:449-82, 1921.
51. SALA, Gabriel. Dicionário, gramática y catecismo castellano, inga, amueixa y campá. Buletin de Sociedade Geografica de Lima, Lima, 19: \_\_\_\_\_ , 1905.
52. SAVAGE-LANDOR, Henry A. Across unknown South America. London/New York, 1913. 2v.
53. SCHULTZ, Harold & CHIARA, Vilma. Informações sobre os índios do Alto Rio Purus. R. do Museu Paulista, N.S., São Paulo, 9: 181-200, 1955.
54. SERRA, F. R. de Almeida. Relatório de 1719. s.l., s.d.
55. SOMBRA, Luiz. "Os Cachinauás. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, de 11/01/1913.
56. TASTEVIN, C. Le fleuve Juruá. La Géographie, Paris, Société de Géographie, 23: \_\_\_\_\_ , 1920.
57. \_\_\_\_\_ . Le fleuve Murú. La Géographie, Paris, La Société de Géographie, 43(4-5): 403-22, abr./maio, 1925.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FLS. 38  
TÍT. 109  
-8-

3279/77  
109  
B

COD. N.º 926 01

FLS. 22

FUNAI 1261

58. TASTEVIN, C. Le "Riozinho da Liberdade (avec une carte hors texte). Separata de La Geographie, Paris, Société de Geographie, 49 (3 - 4): 205-15, mar./abr., 1928.
59. TELLO, Julio C. Algunas conexiones gramaticales de las lenguas Campa, Ipurina, Moxa, Baure, Amueska, Goajira, del grupo o familia Arawak o Maipuru. R. Universitária, Lima, 7(1): 506-32, 1913.
60. TESSMANN, Günter. Die Indianer Nordost-Perus. Hamburg, 1930. 856p.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3279/H  
136  
*[Handwritten signature]*

PROC. N.º 0092/77

FLS. 33

RUBRICA [illegible]

*[Handwritten signature]*  
NORALDINO VIEIRA CRUVINEL  
Antropólogo "A"

*[Handwritten signature]*  
JOSE PORFIRIO F. DE CARVALHO  
Chefe da Ajudância do Acre

Brasília, DF. 01 de julho de 1977



FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

2008 19 25 000820

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

PORTARIA N.º 140/P de 17 de março de 1977

Designa servidores para Sub-Grupo de Trabalho que menciona.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, no uso de suas atribuições que lhe confere os Estatutos, e de acordo com o que dispõe a Portaria nº 380/N, de 26.07.1976

RESOLVE:

- I - Constituir o Sub-Grupo de Trabalho "XI", para deslocar-se à área compreendida entre os Rios Purus e Iaco, no município de Sena Madureira, Estado do Acre, a fim de procederem levantamento e delimitação das áreas indígenas da região.
- II - Designar para compor o Sub-Grupo em referência os servidores NORALDINO VIEIRA CRUVINEL - Antropólogo "A" do DGPC -, JOSÉ PORFÍRIO FONTENELI DE CARVALHO - Chefe da Ajudância do ACRE -, ANTÔNIO TADEU TAVARES - Engenheiro Agrônomo do INCRA e um Topógrafo do INCRA a ser indicado na região.
- III - Determinar que os trabalhos sejam orientados de acordo com as disposições da Portaria nº 385/N, de 23.08.1976.
- IV - Estipular o prazo de 50 (cinquenta) dias para conclusão dos trabalhos a contar desta data.

PORTARIA Nº 140/P DE 17/03/77  
FUNAI

Ismarth de Araújo Oliveira  
PRESIDENTE